

Decisões tradutórias no romance *Die undankbare Fremde* de Irena Brežná

Dionei Mathias¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a representação ficcional de concepções tradutórias no romance *Die undankbare Fremde* de Irena Brežná. Publicado em 2012 e escrito em alemão, o romance de Brežná apresenta uma protagonista imigrante que trabalha como intérprete, na Suíça. Desse modo, o artigo está dividido em duas partes: a primeira apresenta uma discussão teórica que recupera alguns instrumentos analíticos centrais para a proposta deste artigo, a segunda volta sua atenção para a análise da protagonista. Entre expectativas externas e posicionamentos individuais, ela apresenta um conceito diferenciado de tradução, caracterizado pelo princípio de agência.

Palavras-chave: Irena Brežná. *Die undankbare Fremde*. Concepções de tradução

Data de submissão: Maio. 2023 – Data de aceite: Setembro. 2023

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i1.14907>

¹ Formado em Letras pela Universität Hamburg (Grund- und Hauptstudium, Magister Artium, Dr. phil.). Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Foco de pesquisa em representações literárias de construções identitárias e de dinâmicas afetivas. <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460> E-mail: dioneimathias@gmail.com

Introdução

O ato da tradução sabidamente envolve a administração de sentidos. A transposição de uma malha semântica para outra prática de codificação sociocultural implica, antes de mais, a compreensão das dimensões de sentido que atravessam aquilo que o tradutor se propõe levar para a outra margem. Isso pressupõe um envolvimento profundo por parte do tradutor. Esse envolvimento pode se limitar à dimensão intelectual, diante dos desafios tradutórios que cada situação impõe, mas também pode se estender a uma dimensão de crítica social, em que o agente da tradução se vê confrontado com a necessidade de posicionamentos (possivelmente para além dos objetos da tradução). O modo como cada um lida com esses dois polos depende, em grande parte, do objeto da tradução e da forma como isso dialoga especificamente com suas próprias visões de mundo.

No romance *Die undankbare Fremde* de Irena Brežná, esse aspecto tem um papel central para o enredo. Nele, a protagonista desempenha a função de tradutora-intérprete, trabalhando para diferentes instâncias do serviço público suíço. A voz narrativa autodiegética alterna seu relato entre a exposição de suas experiências como imigrante e seu processo de inserção na sociedade suíça, por um lado, e suas vivências como tradutora, especialmente suas interações com outros imigrantes que buscam pelo direito de permanência no país, por outro. Nos dois fios narrativos, destacados tipograficamente, há um envolvimento muito intenso por parte da protagonista, o que suscita uma série de reflexões sobre o ato tradutório.

Nesse sentido, o foco deste artigo recai sobre a segunda parte do relato diegético, onde seu papel social de tradutora está no centro. Para isso, o artigo deseja problematizar a intersecção entre tradução e reflexão, a fim de verificar como a tarefa de tradução está atravessada por elementos que configuram visões de mundo e como a tradução desencadeia processos que impactam na produção de identidades individuais. Tendo isso em mente, a primeira parte do artigo busca apresentar uma discussão teórica que permita enquadrar essa discussão, enquanto a segunda analisa a configuração da protagonista-tradutora. O romance problematiza os limites dessa intersecção e mostra como sentidos produzem impactos para além da tarefa de tradução.

1 Considerações teóricas

Processos de comunicação do cotidiano tendem a funcionar com base em sentidos supostamente estáveis e apreensíveis de forma homogênea por todos os interlocutores que participam desse intercâmbio de informações. Nos diferentes momentos de codificação e decodificação, emissores e receptores raramente param para verificar o grau de

conformidade de sentido nos códigos compartilhados. Isso se deve, ao menos em parte, ao fato de que, por trás dos códigos, se encontra o horizonte cultural comum que tende a amenizar as incompreensões e que auxilia os interlocutores a captar dimensões de sentido que não foram simbolizadas na respectiva interlocução. Com efeito, o milagre da comunicação cotidiana sabidamente encobre o complexo processo de gênese do sentido e a impossibilidade de sua estabilização.

O ato da tradução, muitas vezes, traz à tona essa labilidade encoberta dos sentidos. A depender do tipo de mensagem que o tradutor tem diante de si, essa instabilidade pode crescer ou diminuir. Sua intensificação ocorre, por exemplo, quando dimensões culturais se encontram nas entrelinhas ou mesmo nos usos lexicais, sem que isso seja simbolizado explicitamente. Daí procede a constatação de Akbari (2013, p. 13):

Na verdade, um bom tradutor deve estar familiarizado com a cultura, os costumes e as configurações sociais dos falantes do idioma de origem e de destino. Ele também deve estar familiarizado com diferentes estilos de fala e normas sociais de ambas as línguas. Essa consciência pode melhorar muito a qualidade das traduções.

A descrição do “bom tradutor” de Akbari é quase ideal, demandando um conhecimento amplo que vai para muito além da apropriação do código linguístico. O que está em jogo nesse contexto é a habilidade de compreender práticas simbólicas que imperam em diferentes espaços da concretização existencial, tanto na cultura de origem como na cultura de destino. Claro está que a tradução individual de lexemas não tem como dar conta do complexo processo semântico por trás dessa dinâmica, pois o uso linguístico está atrelado a visões de mundo que revelam o posicionamento do sujeito na cartografia social. Esse posicionamento, juntamente com os estilos de fala e as normas sociais mencionados por Akbari, está intrinsecamente ligado a projetos identitários. Compreender dimensões culturais, portanto, exige a habilidade de entender como indivíduos ou agrupamentos encenam e concretizam suas identidades, por meio de práticas simbólicas.

A obtenção desse conhecimento transcende a língua, em seu uso estrito, e exige o estudo de dinâmicas sociais e dos vetores que determinam os posicionamentos de atores sociais. Nesse sentido, Kapur argumenta:

A tradução exige muita criatividade porque traduzir significa inevitavelmente a reconstrução de um texto. Com sensibilidade e conhecimento adequados das culturas de ambas as línguas, o tradutor torna-se um mediador que cria o escopo e os meios para transferir o significado e a experiência do texto ‘original’ para outro idioma. A tradução não é apenas uma habilidade técnica, mas também uma forma de arte, não subserviente ao original. O tradutor, portanto, deve estar munido de preparação e criatividade adequadas, juntamente com habilidades linguísticas, para ser capaz de transcriar um texto. (Kapur, 2014, p. 45).

A reconstrução do texto passa pelo desafio de encontrar um código (linguístico) que consiga remeter às dinâmicas sociais inerentes à cultura em que foi produzido. Para isso, contudo, e antes do desafio de encontrar a combinação certa de palavras, há um processo de formação que prevê aquisição linguística, claro, mas também o desenvolvimento de uma sensibilidade capaz de sintonizar com as diferentes práticas simbólicas e seus anseios de dizer algo sobre o mundo. Essa sintonização inclui a habilidade de identificar posicionamentos e adotar perspectivas, para então ir à procura de palavras que condigam com aquilo que o emissor almeja. A busca das palavras, por sua vez, exige a capacidade de identificar usos linguísticos na língua de destino que consigam recuperar esses posicionamentos e as perspectivas produzidas por eles. Isso pressupõe uma sensibilidade aguçada, com um olhar treinado para a identificação de práticas de sentido, e exige criatividade a fim de encontrar soluções linguísticas que consigam abarcar a complexidade de sentidos irradiados pelos lexemas utilizados. Nesse cenário ideal, espera-se do tradutor não só domínio cabal das respectivas línguas, mas sobretudo também uma capital identitário vasto e profundo. Trata-se de conhecimentos que o tradutor adquire ao longo de sua própria construção de identidade, negociando pertencimentos e posicionamentos com diferentes atores sociais.

Nesse linha de argumentação também se insere a contribuição de Liddicoat (2016). Assim, o papel do tradutor se destaca em diferentes sentidos, tornando-o visível nas entrelinhas da tradução:

Diante disso, a tarefa da tradução é retrabalhar um texto escrito em um idioma para outro, de modo a tornar disponível para um novo público algo que de outra forma não seria capaz de acessar. Isso significa que um tradutor está envolvido na comunicação de significados que foram construídos em um idioma – com seus respectivos contextos culturais para leitores que compartilham o idioma e participam de alguma forma dessa cultura – para um público que não compartilha desse idioma e cultura. Portanto, a tradução não pode significar simplesmente reproduzir os significados de um texto em outro idioma; ao contrário, após construir uma leitura do texto e sua intenção, o tradutor deve rearticular significados para novos públicos. Por meio da voz do tradutor, vários enquadramentos linguísticos e culturais são colocados em relação de modo que os significados possam ser comunicados através das fronteiras linguísticas e culturais. (Liddicoat, 2016, p. 347).

Sua presença começa no trabalho de interpretação do material linguístico, isto é, como primeiro decodificador dos códigos que estabelecem a tessitura a ser traduzida. Para isso, precisa compreender as diferentes dimensões semânticas que atravessam aquilo que deseja traduzir. O escopo daquilo que consegue identificar ressoa na “voz do tradutor”. Sua presença se torna visível nos sentidos que recupera e ativa por meio da reconfiguração da malha de sentidos. Liddicoat também chama a atenção para o papel do público no material traduzido. Nisso, o tradutor antecipa o horizonte do público leitor e toma decisões

tradutórias que consigam dialogar com o horizonte de sentidos existentes no lado da recepção. Isso também exige conhecimento sobre dinâmicas identitárias, especialmente no que diz respeito ao conjunto de regras, tácitas ou não, que perpassam um espaço social e definem as fronteiras do dizível. Isso define não somente como uma determinada tessitura simbólica é traduzida, mas sobretudo também o que se traduz. Na lógica do mercado, por exemplo, antecipa-se aquilo que irá despertar o interesse de consumo intelectual ou de entretenimento. Na lógica do poder, antecipa-se o que pode circular e como. Para essas decisões, o conhecimento sobre as dinâmicas de identidade vigentes num espaço social são determinantes. Para David Katan (2009),

Assim, no nível da identidade temos uma variedade de atores envolvidos, tanto dentro como fora do texto, que corporificam um conjunto de valores e/ou crenças que vão favorecer um conjunto de estratégias textuais, visíveis como o próprio texto, produzidas dentro de um determinado ambiente. Nesse nível de 'identidade', o mediador levará em consideração as necessidades ou exigências dos outros atores, como o autor do texto de origem, o mandante e o leitor pretendido; e por último, mas não menos importante, as próprias crenças do mediador sobre como mediar. (Katan, 2009, p. 91).

Esse conjunto de fatores, portanto, impacta nas dinâmicas tradutórias e condiciona os percursos da tradução. Desse modo, emissão, configuração da mensagem e recepção, de um ou de outro modo, estão perpassadas por dimensões de sentido cuja origem ou motivação está atrelada a questões de identidade, em suas mais variadas regras de pertencimento. Valores e crenças, como aponta Katan, motivam escolhas. No fim, também definem, ao menos em parte, as concepções de mediação adotadas pelo tradutor. Isto é, os posicionamentos do respectivo tradutor no mundo, suas narrativas identitárias e também sua lógica própria de pertencimento influenciam suas decisões sobre como gerir os sentidos as serem traduzidos.

O que incide aqui são os filtros de percepção que definem a forma como o tradutor e os demais envolvidos nesse processo de comunicação decodificam os sentidos emitidos e os recodificam, com base naquilo que esse filtro permite dizer sobre o mundo. Vivências interculturais tendem a amenizar isso, na medida que confrontam indivíduos com questionamentos sobre suas visões de mundo. As revisões e relativizações que podem emergir desses questionamentos, contudo, não são automáticas. O impacto desses choques interculturais, em que filtros de percepção passam por desestabilizações, depende da atitude do respectivo indivíduo frente à alteridade com se depara nesse encontro das culturas. É possível acolher a alteridade e permitir que ela transforme os filtros de percepção, mas é igualmente possível barrá-la impedindo quaisquer transformações. Essas atitudes definem a concretização de interações entre membros pertencentes a diferentes culturas e moldam igualmente percursos tradutórios.

O impacto desses condicionamentos, em grande parte, permanece inconsciente. A crítica tradutória pós-colonial certamente fez contribuições significativas para a discussão desses condicionamentos, em especial, tendo em vista as malhas de poder. Em sua discussão, Shamma escreve:

Certamente, a condição (pós)colonial – com suas assimetrias radicais de poder e os compromissos políticos (mesmo militares) que a envolvem – é um locus perfeito para examinar questões de poder e suas ramificações na linguagem e na tradução. A questão que surge, no entanto, é se o ângulo pós-colonialista poderia ser estendido a outros encontros interlinguísticos onde não há verdadeiras relações (pós-)coloniais. (Shamma, 2009, p. 187).

Imbricados nas malhas e nos filtros culturais, o poder e suas reverberações se imiscuem nas diferentes etapas de tradução. Isso fica especialmente explícito na máquina colonial, com sua narrativa civilizatória, como apontam os estudos pós-coloniais, mas se revela de forma não menos impactante em outros domínios da produção discursiva. Assim como na dimensão especificamente cultural, o respectivo impacto das malhas de poder também está vinculado a dinâmicas identitárias, com suas regras de inclusão e exclusão. Consequentemente, projetos de tradução, decisões tradutórias e a participação de diferentes atores sociais no ato de transmissão comunicacional dependem, dentre muitos outros fatores, também dos posicionamentos socioculturais ocupados pelos agentes que fazem parte dessa dinâmica. Nesse sentido, cabe perguntar quais vozes são traduzidas, como essas vozes são recebidas em contextos caracterizados por “assimetrias radicais de poder” ou para que finalidade determinada tradução ocorre. O problema maior, nesse contexto, talvez não seja a busca pela equivalência, que sempre assombra o esforço tradutório, mas sim, como fluxos de sentido são canalizados, a partir do trabalho de tradução.

Na segunda parte da citação, Shamma pergunta se o conhecimento produzido pela crítica pós-colonial é passível de transferência para contextos que não tenham uma ligação direta com o passado colonial. Não há dúvidas que a transferência criativa dos impulsos intelectuais oriundos dessa perspectiva pode elucidar uma série de nexos, especialmente no que diz respeito às dinâmicas discursivas e ao desequilíbrio de poder. A exemplo disso está o papel da tradução no contexto dos fluxos migratórios que caracterizam muitas sociedades contemporâneas. O encontro tradutório entre membros pertencentes a diferentes culturas não se define somente por meio dos condicionamentos culturais, com suas práticas simbólicas e seus filtros de percepção, ele também é determinado pelas malhas de poder e pelas práticas discursivas que definem as regras de participação. Para Polezzi (2012, p. 348), “voz e localização são elementos estratégicos para determinar o papel que a tradução desempenha na vida dos migrantes, bem como para determinar quais figurações de tradução e migração emergem desse encontro.” (Polezzi, 2012, p. 346). A

tradução, como qualquer outra prática discursiva, não ocorre num espaço neutro. Ela também se encontra subordinada a vetores socioculturais e a culturas de apropriação de realidade.

Isso afeta a organização da emissão de sentidos, sua organização discursiva e, claro, também a recepção. Em consonância com as narrativas identitárias que circulam nos diferentes espaços culturais, o ato da tradução se vê atravessado pelas reverberações sociais que condicionam sua produção e sua recepção. Para Hostová (2017),

Com a virada cultural, redefinições geopolíticas de fronteiras, feminismo de segunda onda e mobilidade geográfica e fluxo de informações intensificados, as identidades coletivas deixaram de ser consideradas garantidas. Os estudos tradutológicos – como outras disciplinas – também se abriram para absorver e fazer uso do questionamento feminista e pós-colonial dos cânones e das relações de poder e do caráter construcionista da formação da identidade [...] (Hostová, 2017, p. 6).

Central, nesse contexto, parece ser o modo como a produção discursiva atrelada às diferentes etapas do processo de tradução passa a refletir sobre os condicionamentos socioculturais de suas atividades, desencadeando reflexões que permitem engendrar olhares não automatizados para a percepção das implicações inerentes ao ato tradutório. Essas diferentes discussões teóricas nos ensinam que a passagem de uma língua à outra não se limita somente ao problema de equivalência entre línguas ou práticas simbólicas. A recodificação, na nova língua ou no novo código, está substancialmente condicionada pelas bases socioculturais que fundamentam a concretização existencial em cada uma das margens. O modo como cada espaço lida com seu passado, pensa o seu presente e imagina seu futuro também define como, o que e para que finalidade algo pode ser traduzido.

Tradutores não permanecem intocados. Tradutores ocupam espaços em seus lugares de produção e se posicionam, diante das questões que neles circulam, de forma explícita ou não. Em suas escolhas lexicais, combinações de palavras, configurações sintáticas, produzem efeitos. Esses efeitos, por sua vez, se inserem num novo horizonte cultural, com dinâmicas próprias:

Consciente ou inconscientemente engajados no processo de produção e reprodução de significados “situados”, os tradutores fazem escolhas discursivas que são sugestivas de seu posicionamento social, político e ético, bem como de suas lealdades ideológicas e institucionais. Suas decisões não apenas refletem, mas também definem e moldam o contexto sociocultural no qual a tradução é produzida e recebida. (Kang, 2014, p. 469-470).

A análise de decisões tradutórias pode problematizar, por exemplo, como tradutores se posicionam diante do pensamento hegemônico, apoiando-o sem questionamentos ou procurando por soluções que remetam a outras formatações do pensamento. Quaisquer que sejam os posicionamentos, o uso da língua dá indícios de como o respectivo indivíduo

se movimenta na cartografia social e imagina seus pertencimentos. A identificação dessa voz tradutora e de suas atitudes obviamente não é simples, mas ela se concretiza por meio do uso da língua e das decisões tradutórias (Hermans, 2014, p. 287). Das entrelinhas, entre língua de origem e língua de chegada, entre voz autoral e coerções linguísticas, a voz do tradutor se estabelece, remetendo a um horizonte identitário, com valores, crenças e práticas simbólicas próprias. Em maior ou menor grau, decisões tradutórias remetem a esse lugar individual de fala, com suas visões de mundo.

Nesse horizonte, essa voz individual ressoa a partir do modo como compreende a questão das equivalências, do reconhecimento das diferentes práticas simbólicas que atravessam os espaços culturais de origem e de destino, do grau de consciência sobre os filtros de percepção, da sensibilidade para dinâmicas de poder ou também do conhecimentos sobre o próprio lugar de enunciação. No romance de Irena Brežná, esses fatores têm um papel importante na caracterização da protagonista e no modo como ele endente seu trabalho de tradutora-intérprete. Neste artigo, interessa-nos problematizar como essa concepção de trabalho está atrelado a seu próprio posicionamento como estrangeira que se estabeleceu na Suíça e que conseguiu se inserir plenamente no novo espaço social.

2 A personagem-tradutora no romance *Die undankbare Fremde* de Irena Brežná

No romance de Irena Brežná, os episódios que lidam com a representação de tradução envolvem estrangeiros que se encontram na Suíça. A protagonista interpreta suas falas e as reproduz para diferentes atores sociais que entram em contato com eles, em hospitais, no tribunal, em instituições de ensino, etc. Em muitos desses episódios, a protagonista-tradutora problematiza diferenças culturais, práticas simbólicas, malhas de poder e também reflete como ela se entende enquanto tradutora-intérprete. Essas reflexões explicitam sua concepção de tradução, ao mesmo tempo, também indicam dimensões identitárias e visões de mundo adotadas por ela. Numa passagem do início do romance, a voz narrativa relata:

Eu enfeitei seu discurso, acrescentando ‘distinto tribunal’ e ‘seu maravilhoso país’, e em ‘palavra de honra’ minha voz dá um nó de emoção. No entanto, o pathos estranho desperta suspeitas. Apenas o advogado ouve com benevolência o tom desconhecido da língua e faz um discurso de defesa inflamado.

O contrato de interpretação estabelece que somos obrigados a reproduzir diligentemente o que foi dito. Há uma pena de reclusão de vários anos por tradução intencionalmente errada. E devemos chegar na hora e parecer bem arrumados. Mas estou muito desganhada para esta tarefa penteada. O destino dos outros me leva ao mar aberto, e o vento toca meus sentimentos

e pensamentos. (Brežná, 2021, p. 20).

A passagem citada é paradigmática para o romance. O episódio trata de um jovem estrangeiro, dependente químico e preso pelo roubo de três perfumes. O romance não apresenta o texto traduzido/interpretado. O que ele apresenta é a reflexão tecida pela protagonista, ao focar na exposição de seu trabalho. Assim, a utilização do lexema “enfeitar” já sugere que ela não executa o trabalho de forma automática. Com efeito, ela não consegue apagar a presença do outro e o impacto de seu trabalho de tradução na existência desse interlocutor. Ao enfeitar a fala, ela deseja criar efeitos, possivelmente tentar amenizar as consequências. O tom subserviente, contudo, acaba desencadeando a desconfiança.

As decisões tradutórias revelam que ela está ciente do desequilíbrio de poder que há entre as partes, optando, portanto, por uma escolha lexical que busca estabelecer um canal de comunicação que possa aplacar o rigor. O relato não esclarece até que ponto a interpretação fornecida pela tradutora coincide com as palavras enunciadas pelo jovem. Os acréscimos claramente têm o objetivo de alcançar a *captatio benevolentiae*, possivelmente comunicados pelo emissor a partir de um conjunto de indícios tonais ou gestuais que ela transporta por meio da codificação verbal. Ela parece ter consciência daquilo que está em jogo para a vida desse jovem e não nega que isso a toca emocionalmente.

Esse envolvimento emocional também ocorre em outro episódio, quando a protagonista assume a interpretação de uma conversa entre uma família de estrangeiros e as autoridades suíças:

Todo o meu corpo fica tenso, como se tentasse romper cordas invisíveis que me envolveram. Acho que o estado espiritual da família passou para mim. O terapeuta também adota uma postura rígida e diz com voz trágica que a educadora teve que acionar o estado. Suspeita de espancamento, incesto? Não. A educadora só reclamava do atraso das crianças, mandava advertências, chamava os pais, eles não vinham. Estamos sentados à mesa em um país onde o homem é julgado por sua confiabilidade em relação ao tempo. Lá de onde a família vem, o tempo é banhado pelo fluxo constante de todas as coisas. Contratos interpessoais mudam, caem no turbilhão da improvisação, abordagens vagas para planos futuros se desintegram em um caldo indefinível. (Brežná, 2021, p. 36-37).

A parte inicial da citação sublinha que a protagonista não consegue separar seu trabalho de intérprete de dimensões afetivas individuais. Isto é, há algo que dialoga com sua narrativa identitária e com sua forma de ser no mundo. Ao mesmo tempo, no papel de mediadora, ela consegue identificar uma gama de sentidos que não são verbalizados. Ao identificar a apreensão da família e a rigidez do terapeuta, ela revela um conhecimento sociocultural que transcende dimensões linguísticas. Atentamente, ela decodifica os

sentidos que emergem da gestualidade, da expressão facial, do porte corporal, da tonalidade da voz, levando em conta o posicionamento dos interlocutores e o impacto que ele tem para a produção de sentidos.

A passagem não apresenta uma tradução ou interpretação em si. Ela relata, muito mais, as impressões que a protagonista colhe do processo de interação, no qual atua como mediadora. Assim, além da decodificação de sentidos não verbalizados, ela também se depara com diferentes conteúdos semânticos para determinados termos. Trata-se do problema clássico de equivalência e seu elo com dimensões culturais. No episódio em questão, o conceito de tempo, ou melhor, de pontualidade está em discussão. Sabidamente, a semântica da pontualidade segue lógicas distintas nas diferentes culturas, propondo roteiros culturalmente negociados de interação social.

A reação da educadora e do terapeuta sugere que na Suíça pontualidade representa um acordo tácito que não pode ser simplesmente infringido, sem consequências. O acionamento do estado indica a seriedade do assunto. A pergunta irônica da voz narrativa sugere que pode haver diferentes hierarquizações daquilo que legitima o acionamento do estado. Central nesse contexto é que ela consegue identificar igualmente a semântica desse conceito, na outra cultura. Isso lhe permite compreender o que motiva a atitude da família diante da regra tácita de pontualidade. As marcas de ironia no relato da tradutora sugerem simpatia para com aqueles que estão chegando.

Com ironia, ela também comenta as diretrizes repassadas pela chefe do serviço de interpretação. Sua advertência prevê que seus subordinados façam um uso da língua caracterizado por neutralidade e objetividade. O comentário da protagonista, contudo, indica que, ao menos para ela, isso é não viável:

A chefe do serviço de interpretação adverte o exército internacional de assalariados horistas da linguagem:

‘Apenas mediar, não interferir.’

Ela não está pendurada na fissura continental, não conhece o estrondo quando as culturas se chocam. Antes de cada trabalho, eu meto na minha cabeça: cuidado, deixe as margens serem margens, não se ofereça como uma ponte que está sempre à disposição, senão você será pisoteada e desabarará. Seja uma balsa da língua. Guie os passageiros, desembarque e apague seus rostos da memória.

Ainda assim, algo de ambas as margens fica grudado na barqueira. (Brežná, 2021, p. 8).

Para problematizar isso, a protagonista recupera a imagem clássica atrelada ao conceito de tradução. Ela constata que, em sua experiência, não é possível permanecer intocado, diante dos ruídos que emergem do encontro entre línguas. Em outras palavras, o uso da língua não é transformável em mecanismo automatizado que cumpre seus deveres, sem levar em consideração o que está sendo enunciado. Com isso, o tradutor passa a participar do processo de comunicação, num sentido diferente, deixando de ser o

instrumento que simplesmente decodifica e recodifica a mensagem para que a comunicação entre emissor e receptor funcione. Nessa atitude diante da mensagem, o tradutor participa, na medida em que os sentidos que emergem das mensagens também o toca e o transformam, criando uma outra tessitura dialógica, não prevista inicialmente.

Culturas se transformam nas zonas de contato, conforme vão encontrando novas formas de enxergar o mundo, com suas práticas de decodificação de realidade. As línguas em uso, estrangeiras ou vernáculas, se transformam por meio das dinâmicas de sentido que se instalam a partir das práticas que vão se estabelecendo. O mesmo vale para atores sociais que, nas interações do cotidiano, estão em constante negociação e revisão de suas narrativas identitárias. Como qualquer outro interlocutor, o tradutor se encontra envolvido nessas três esferas (cultura, língua, sujeito) e concretiza seus atos comunicacionais a partir delas. O que diferencia atores sociais possivelmente sejam as estratégias para gerir essa complexidade semântica e o grau de reflexividade sobre seus impactos. No caso da protagonista, ela se mostra suscetível para essas dimensões, apresentando um instrumentário discursivo para verbalizar como isso a afeta.

Isso não significa que a protagonista desconheça os benefícios de uma atitude tradutória que freia o envolvimento afetivo, neste contexto, especialmente em relação a seus impactos sobre a identidade individual. Numa tentativa de definição, ela escreve:

A essência da profissão de intérprete reside na erradicação da própria personalidade. Se os interlocutores não percebem mais que alguém está interpretando, a situação ideal foi alcançada. Se eu consigo sumir assim, persevero na linha de montagem da linguagem, quero emergir em total plenitude depois do turno de trabalho e mostrar que tenho talento para razão e emoção. (Brežná, 2021, p. 8).

Nos diferentes episódios, em que a voz narrativa problematiza processos tradutórios, ela sempre acaba chegando à conclusão que esse estado ideal não é lhe alcançável. Nele, o tradutor consegue neutralizar todo envolvimento afetivo, anestesiar pelo período de trabalho o conjunto de suas crenças e seus valores, elidir completamente sua identidade, para estar plenamente a serviço da tradução. Seria uma espécie de tradutor automático. A “linha de montagem da linguagem” quer eficiência, resultados e potencialização da produção. A protagonista não se esquivava dessa expectativa. Ela tem ciência que ela fundamenta seu contrato de trabalho, mas ela constata reiteradamente que não é essa a forma como, de fato, concretiza sua tarefa de mediação.

Isso, no entanto, não a faz duvidar de sua vocação como intérprete. Pelo contrário, é justamente essa expectativa que desencadeia processos de reflexão, nos quais ela tenta identificar seu lugar no mundo enquanto tradutora. Nesse sentido, ela não reflete somente sobre a profissão em si, com seus diferentes desafios comunicacionais e interacionais, ela estende essa reflexão igualmente para o contexto de sua identidade, buscando reconhecer

os valores tradutórios que motivam suas atitudes. As marcas de ironia, nessa passagem e em muitas outras, indicam que sua concepção de tradução definitivamente não permite apagar sua identidade e seu envolvimento afetivo. Ao mesmo tempo, isso serve de gatilho para questionar seu “talento para razão e emoção”. Com efeito, a própria questão do talento para a tradução se torna problemática: por um lado um ideal de objetividade e neutralidade, por outro, subjetividade e envolvimento afetivo. O romance, de certa forma, questiona como o conceito de talento pode ser compreendido e qual semântica é viável. Para a protagonista, a segunda variante definitivamente predomina.

A protagonista identifica as próprias limitações e não tenta encobrir suas decisões por meio de uma narrativa teórica que explique seus atos tradutórios. Ela está ciente das contradições e dos problemas inerentes a essa estratégia de tradução. Isso também significa que ela não tenta negar o condicionamento individual que impacta sobre sua dinâmica de trabalho. Ao contrapor as diferentes concepções, ela reflete sobre esses condicionamentos, estendendo com isso o escopo de sua agência.

Sua agência também se revela em forma de resistência, ao não subordinar-se docilmente às expectativas de seus mandantes:

Nas primeiras frases, o ser humano se mostra. A interpretação é o purgatório, tudo se queima, só resta o ouro. Certa vez, eu estava interpretando para uma assistente social que ficava aborrecida com qualquer trivialidade, de modo que sua garganta ficava vermelha. Ela dizia tudo repetidamente e com ênfase, reclamando com o chefe do serviço de interpretação que minha linguagem era muito mais curta que a dela. Sou um recicladora que resgata do lixo de palavras só as peças mais úteis. (Brežná, 2021, p. 8).

A situação em questão não é um contexto pós-colonial, mas definitivamente envolve poder. A mandante tem uma expectativa sobre como a interpretação deve ser realizada e aborda o serviço de interpretação ao identificar que o trabalho realizado pela protagonista não está em consonância com suas expectativas. A protagonista, por sua vez, não permite ser intimidada por essa diferença de poder. Para isso, ela defende sua estratégia de tradução, mantendo a concisão da mensagem, sem atenção à prolixidade que a mandante entende ser necessária. Assim, a mediação cultural assume outras conotações, pois a protagonista se recusa a reproduzir o tom paternalista e condescendente que se concretiza a partir da atitude da mandante e do modo como verbaliza aquilo que deseja comunicar.

A ironia, ao final da citação, reforça sua atitude de resistência, ao equiparar a fala da mandante a lixo. Nisso, reinterpreta os usos lexicais e os transforma em instrumentos de autoafirmação. Dessas diferentes estratégias, emerge sua voz própria, com atitudes, crenças e valores que condizem com sua forma de conceber-se no mundo. Ao inserir sua voz própria no discurso, ela também afirma e mantém sua identidade, participando do processo de comunicação ativamente. No papel de mediadora, ela não reproduz docilmente

os desequilíbrios de poder. Assim, ela não deixa de transmitir a mensagem, mas suas escolhas lexicais e sua organização discursiva claramente indicam a dissonância de visões de mundo que estão em jogo nesse processo de comunicação.

Considerações finais

A protagonista de Irena Brežná traz a lume reflexões amplas e diferenciadas sobre os mecanismos da tradução. Em diferentes passagens, ela revela seu conhecimento sobre a diversidade de práticas simbólicas nas línguas de origem e de destino, se mostra consciência sobre os filtros culturais que atravessam processos comunicacionais, deixa transparecer uma sensibilidade apurada para dinâmicas de poder e, sobretudo, tece reflexões sobre suas atitudes diante do ato tradutório. Trata-se de uma personagem que reiteradamente emerge de sua prática profissional para refletir sobre suas implicações e para tentar compreender o que motiva suas decisões. Os episódios não apresentam as traduções em si. O que predomina, no relato diegético, é a reflexão sobre o seu conceito de tradução/interpretação.

Em oposição às expectativas de neutralidade e objetividade, seu trabalho se caracteriza por envolvimento emocional, frustrando, portanto, o ideal de uma tradução quase que automatizada. Essa participação intensifica sua presença no ato comunicacional, formando um elo dialógico adicional. Perpassadas por marcas de ironia, suas reflexões apresentam um instrumentário discursivo que lhe permite verbalizar suas concepções de tradução e oferecer resistência. Ao mesmo tempo, elas incluem o reconhecimento de suas limitações e de seus condicionamentos. Nesse cenário, ela apresenta conhecimentos culturais diferenciados e, sobretudo, agência, concretizando seu papel de tradutora/intérprete na interseção entre expectativas atreladas a essa função e sua própria forma ser no mundo.

Translation decisions in Irena Brežná's novel *Die undankbare Fremde*

Abstract

*This article aims to discuss the fictional representation of translational conceptions in Irena Brežná's novel *Die undankbare Fremde*. Published in 2012 and written in German, Brežná's novel features an immigrant protagonist, working as an interpreter in Switzerland. Thus, the article is divided into two parts: the first presents a theoretical discussion that recovers some central analytical instruments for the purpose of this article, the second turns its attention to the analysis of the protagonist. Between external expectations and individual positions, the main character presents a differentiated concept of translation, characterized by the principle of agency.*

Keywords: Irena Brežná. *Die undankbare Fremde*. Translational conceptions

Referências

- AKBARI, Monireh. The Role of Culture in Translation. **Journal of Academic and Applied Studies**, v. 3, n. 8, p. 13-21, 2013.
- BREŽNÁ, Irena. **Die undankbare Fremde**. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2021.
- HERMANS, Theo. Positioning translators: Voices, views and values in translation. **Language and Literature**, v. 23, n. 3, p. 285-301, 2014.
- HOSTOVÁ, Ivana. Introduction. Translation and Identity. In: HOSTOVÁ, Ivana (Ed.). **Identity and Translation Trouble**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2017, p. 1-17.
- KANG, Ji-Hae. Institutions translated: discourse, identity and power in institutional mediation. **Perspectives: Studies in Translatology**, v. 22, n. 4, p. 469-478, 2014.
- KAPUR, Kirti. Role of Translation in the 21st Century. **Translation Today**, v. 8, n. 1, p. 45-56, 2014.
- KATAN, David. Translation as Intercultural Communication. In: MUNDAY, Jeremy (Ed.). **The Routledge Companion to Translation Studies**. London/New York: Routledge, p. 74-92, 2009.
- LIDDICOAT, Anthony J. Translation as intercultural mediation: setting the scene. **Perspectives**, v. 24, n. 3, p. 347-353, 2016.
- POLEZZI, Loredana. Translation and migration. **Translation Studies**, v. 5, n. 3, p. 345-356, 2012.
- SHAMMA, Tarek. Postcolonial Studies and Translation Theory. **MonTI. Monografias de Traducción e Interpretación**, n. 1, p. 183-196, 2009.